

_____. *Metacrítica Sobre o Purismo da Razão*. In: *Ergon ou Energeia, Filosofia da Linguagem na Alemanha, sécs. XVIII e XIX*. Organização e introdução de José M. Justo, apáginastantas, tradução incluída na recepção a Kant, Lisboa, 1986.

KONDER, L. *Walter Benjamin. O Marxismo da Melancolia*: Editora Campus, Rio de Janeiro, 1988.

LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Mallarmé, S. *Crise De Vers*, p. 5. Disponível em: <<http://www.jeuverbal.fr/crisevers.pdf>>. Acesso em: 26 de Agosto de 2013.

_____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, Pléiade, 1945.

MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*, v. I. Tr. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. 1996.

RIMBAUD, A. *Oeuvre Completes*. Paris: Éditions de la Banderole, 1922.

SCHOLEM, G. *A cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

_____. *As Grandes Correntes da Mística Judaica*: São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972.

_____. *O Nome de Deus, a teoria da linguagem e outros estudos de cabala e mística: judaica II*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

_____. *Walter Benjamin: a história de uma amizade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

HARMONIA ENTRE OS CORCÉIS NO DIÁLOGO FEDRO DE PLATÃO

GABRIELA MESSIAS ARAUJO

RESUMO

Desde a antiguidade ao *Eros* foram conferidos múltiplos sentidos, porém, por mais destoantes que possam parecer, permanece entre eles um elemento comum, a sua natureza cósmica, isto é, seu caráter divino, presentes em exposições míticas. Platão não extingue esta abordagem mítica, embora apresente significados distintos, fundamentados em seu pensamento. Ele utiliza o mito como uma complementação ao logos e estabelece uma relação entre *Eros* e Filosofia. Destarte, o presente artigo visa investigar o mito da parelha alada refletindo acerca do *Eros* mediador e sua relação com a Verdade no diálogo *Fedro* de Platão.

PALAVRAS-CHAVE: Palinódia, Natureza da Alma, Parelha Alada, *Eros*, Verdade.

HARMONY BETWEEN THE WINGED STEEDS IN PLATO'S
PHAEDRUS DIALOGUE

ABSTRACT

Since antiquity multiple meanings have been conferred to *Eros*. As discordant as these may seem, there remains a common factor among them, *Eros*' cosmic nature, it is to say, his divine character, revealed in mythical expositions. Plato doesn't discard this mythical approach but proposes distinct meanings based on his thinking. He uses the myth as

a complement to Logos and establishes a relation between *Eros* and Philosophy. Thus, this article aims to investigate the Chariot allegory, reflecting on *Eros* as mediator and his relation with the Truth in Plato's *Phaedrus* dialogue.

KEYWORDS: Palinode, Nature of the soul, Chariot allegory, *Eros*, Truth.

No início do diálogo *Fedro* ocorre um encontro entre Fedro e Sócrates, no qual, o mote que suscitará as discussões que seguirão é o amor-*Eros*, tema que a muito inquietava os jovens da época, estando com frequência presente nas atividades retóricas. Platão utiliza os três discursos presentes na primeira parte do diálogo para versar sobre o tema central desta obra, a retórica, onde se tem como alvo de críticas os sofistas, corrente esta que entusiasmava a juventude ateniense.

O título da obra é originário de um dos personagens, Fedro é trazido como representante do frequente entusiasmo da época diante desta nova corrente¹, uma vez que o próprio tema central da obra o sugere, a retórica, esta também será desenvolvida pelos interlocutores, Sócrates e Fedro. Este trouxe consigo o manuscrito do discurso feito por Lísias sobre o amor, que conduzirá ao início da exposição de Sócrates sobre o mesmo.

O personagem Fedro tem afeição pelo aprendizado, sendo constante seu fascínio por discursos². No diálogo ele está muito entusiasmado com a aparência do discurso proferido por Lísias, fato

1 CARDOSO, Delmar. *A alma como centro do filosofar de Platão*. 2006. p.34.

2 Além do diálogo homônimo, também está presente no *Banquete* no qual é o responsável indireto pela discussão que se desenvolve a respeito do *Eros*, ele foi o responsável pela idéia de exaltarem o *Eros*. Ele é o primeiro orador do *Banquete*, seu discurso é um panegírico ao *Eros*. Ao estilo de Hesíodo, numa conjuntura teogônica. É um discurso abundante em referências poéticas dos antigos, ao estilo dos sofistas repleto de composições retóricas, de modo que, em primeiro momento semelha estar em perfeita estado.

este que não o permite analisar mais a fundo o seu conteúdo. Fedro inicia o seu discurso lendo a tese de Lísias onde apresenta que é preferível ceder favores a quem não está apaixonado, em vez daquele que ama. Destarte, traz ao mesmo tempo duas posições, por um lado apresenta os prejuízos daquele que concede favores a um amante, fazendo uma série de objeções ao homem apaixonado, por outro lado, traz os benefícios de quem concede seus favores a quem não ama. O *Eros* apresentado nesta tese é nocivo, interesseiro, ciumento e inconveniente.

Ao término da sua fala, Fedro fica muito empolgado com o paradoxo da tese defendida não percebendo as falhas presentes na mesma. Sócrates incitado por Fedro proferirá mais dois discursos, um que sustenta a mesma tese de Lísias³, porém com modificações em sua forma e a sua palinódia. Inicialmente Platão aponta a necessidade de definir o objeto ao qual se delibera ação que é ausente no discurso de Lísias. Assim, Sócrates apresenta a definição do amor para só depois investigar se o amor proporciona danos ou benefícios, no qual continua sustentando um amor danoso, prejudicial à filosofia⁴. É importante ressaltar que é no intuito de destacar como Lísias concebe o amor, que Platão o evidencia nitidamente no primeiro discurso de Sócrates, sustentando uma concepção negativa do amor. E, tal atitude abre vias para que a questão seja abordada através da dialética, transcendendo e se alçando a contemplação filosófica.

Após o término do seu primeiro discurso Sócrates percebe o quão horrendas foram as palavras dedicadas ao *Eros*. Platão apresenta que o *Eros* nos dois primeiros discursos foi tratado de modo superficial e enganoso. Diante de tais palavras se faz extremamente necessário a sua palinódia.

Há uma grande distância entre os dois primeiros discursos e a palinódia que Sócrates proferirá. Tal distância Platão utiliza para explicitar a diferença entre retórica e Filosofia. A constante falta de

3 A necessidade de definir o objeto a que se delibera também está presente no discurso de Pausânias, no qual ele, primeiramente definindo para depois dirigir um elogio ao *Eros*. PLATÃO. *Ban.*, 180d.

4 A posição assumida em questão é contrária a concepção de Diotima no *Banquete*.

afinco com que os retóricos tratam os assuntos que exigem uma maior profundidade é o ponto onde reside sua crítica, no qual está presente o elo entre as duas partes do diálogo: retórica e *Eros*⁵. Platão traz as falhas existentes no discurso de Lísias e os dois discursos de Sócrates, para demonstrar sua crítica à retórica que se expandia na cultura grega da época, assunto este versado na segunda parte do diálogo⁶.

A forma enganosa como o *Eros* é tratado nos dois primeiros discursos impele Sócrates a apresentar sua palinódia, ou seja, um discurso de purificação, onde fará jus à natureza divina do amor. Sócrates nega a tese de Lísias, onde é sustentado que é preferível ceder favores a alguém que não está apaixonado, considerando um amante alguém fora do seu juízo, no qual considera a loucura um mal.

Platão apresenta que os deuses concedem a mania aos homens como um benefício, e dentre todas as loucuras o quarto tipo é a mais honrosa, ou seja, a loucura amorosa⁷. Nesse sentido, para fundamentar seu segundo discurso erótico, o filósofo apresenta a natureza e a imortalidade da alma. Esta é concebida como princípio de movimento, pois a alma anima tudo àquilo que possui movimento, uma vez que, o que move a si mesmo é fonte e início de movimento, movendo-se infundavelmente. A presença da alma no corpo é o que o movimenta.

No diálogo *Fédon*, Platão apresenta que imortalidade da alma só pode ser apreendida a partir da admissão do supra-sensível, desse modo a alma possui uma pré-existência em relação ao corpo. A alma participa⁸ da ideia de vida, portanto, não lhe é possível morrer, pois lhe

5 Tais especificidades fogem ao escopo deste artigo, uma vez que esta visa fundamentalmente às investigações tangentes ao *Eros*.

6 CARDOSO, Delmar. *A alma como centro do filosofar de Platão*. 2006. p.120.

7 Platão distingue quatro tipos de loucuras: O primeiro tipo de loucura se refere à inspiração profética, o segundo tipo de loucura versa sobre o tratamento da presença de certos males por meio de ritos de purificação, o terceiro tipo de loucura é proveniente das Musas e o quarto tipo de loucura, a mais louvável, cuja inspiração é concedida pelos deuses se refere à inspiração erótica.

8 A teoria de Participação é utilizada por Platão para deliberar a respeito da relação existente entre o mundo sensível e as ideias. Conforme o filósofo: “Quanto a mim, estou firmemente convencido, de um modo simples e natural, e talvez ingênuo, que o que faz belo um objeto é a existência daquele belo em si, de qualquer modo que se faça sua comunicação com este. O modo por que essa participação se efetua, não

seria contraditório.

Após apresentar no que consiste a imortalidade da alma, Platão passa a versar a respeito da natureza da alma, para tanto, recorre ao mito, no qual através da exposição da perda e do ganho das asas, o *Eros*, por meio da visão da Beleza irá intermediar o sensível e o inteligível. A alma é comparada a um cocheiro e a sua biga alada⁹.

Neste mito, na alma dos deuses todos os cavalos são bons simultaneamente. Já os cavalos da alma dos homens divergem na raça. Nestes, um dos cavalos é de raça nobre, possui um aspecto belo, sua constituição física é bem proporcionada. Este é conduzido com facilidade, apenas o recurso da palavra já lhe basta para obedecer. Enquanto, o outro é o oposto, de raça ruim, seu aspecto é tosco e desproporcionado, é surdo e rebelde, a custo obedece ao auriga, e, somente sob a incitação do chicote. Desse modo, enquanto a conduta da parelha dos deuses é harmoniosa, a dos homens é extremamente dificultosa para o seu cocheiro, devido à dessemelhança entre os corcéis.

Quando a alma está perfeita, provida de asas, caminha pelo espaço numa vida divina ao lado dos deuses. Contudo, ao perder suas asas, desaba até se fixar em um corpo terreno. Pela força que há na alma, o corpo passa a se movimentar, de tal maneira que parece ter vida própria, assim, denominado mortal. Já um ser imortal, imagina-se sempre unido, onde não há separação da alma e do corpo, somente um deus pode ser seu representante.

É de grande importância essa diferença entre mortal e imortal para compreender o motivo pelo qual as almas perderam suas asas. A potência das asas possui a missão de elevar a alma até o alto, região

examino neste momento; afirmo apenas, que tudo o que é belo é belo em virtude do Belo em si.” Cf. *Féd.*, 100d.

9 O cocheiro representa a parte racional, um dos cavalos a parte concupiscente e o outro cavalo a parte irascível. Na *República* Platão também divide a alma em três partes. Desse modo, Platão apresenta: “O primeiro – podemos dizê-lo – constitui o elemento mediante o qual o indivíduo aprende; o segundo, aquele com o qual ele experimenta a ira; quanto ao terceiro, não é fácil designá-lo, uma vez que apresenta múltiplas formas, de modo que o designamos em função do que há de principal e mais poderoso nele, e assim o chamamos de elemento apetitivo.” Cf. *Rep.*, 580d.

onde habita a raça dos deuses. Entre todas as coisas que estão em contato com o corpo, as asas são as que participam do divino. Todas as coisas que se assemelham ao Belo, ao Sábio e ao Bom, fazem parte do âmbito do divino. Tais qualidades servem de alimento, fazendo com que as asas da alma cresçam. Enquanto tudo que é contrário àquelas qualidades, como o vício pelo mal, a desgastam, fazendo-as minguar e perecer.

Segundo Platão, os deuses vivem nas regiões celestes, onde possuem continuamente suas asas, mantendo-as perfeitas. Eles conseguem de modo periódico, em um movimento circular, ir além do próprio céu para contemplar o Hiperurânio, a “Planície da Verdade”. Este trajeto realizado pelos deuses é percorrido com extrema facilidade, pois seus carros são levemente conduzidos, por causa da harmonia entre os corcéis da alma dos deuses. Assim, o equilíbrio entre os corcéis torna fácil o ofício do cocheiro. Conforme o filósofo, as regiões celestes contêm: “De fato, a essência da efetiva existência que é incolor, amorfa e intangível, com a qual todo o conhecimento verdadeiro está envolvido, contém essa região (...)”¹⁰. Este lugar só pode ser contemplado pelo guia da alma, isto é, o intelecto. É nas regiões celestes onde se encontra o verdadeiro conhecimento. Após ter contemplado a verdadeira existência, a alma se regozija com a visão da verdade, até que o giro a leve novamente para o ponto onde estava anteriormente.

Já a vida dos homens é muito diferente, por razão da presença do cavalo ruim, que dificulta o ofício do cocheiro. A alma que seguir da melhor forma um deus, se assemelhando a ele, ergue a cabeça do cocheiro até a região além do céu, e com muito empenho alcança contemplar algumas realidades, antes que o movimento circular as arraste para longe. As demais seguem com anseio de subir e contemplar essas realidades, contudo a força necessária para tal fim é insuficiente, deste modo pendem e são arrastadas no movimento circular.

No intuito de ultrapassar umas na frente das outras, onde o auriga não tem domínio sob os seus cavalos, findam se chocando e se pisoteando, diante de tamanho tumulto, resultando na perda de muitas

¹⁰ PLATÃO, *Fed.*, 247c.

asas. Por fim, após tamanha luta, se afastam sem terem contemplado o Verdadeiro Ser, lhes restando apenas a opinião. Platão apresenta o motivo de tamanho empenho para contemplar o Hiperurânio:

Mas o que motiva a grande ansiedade em descortinar a planície da verdade é o fato de o pasto adequado para a melhor parte da alma estar no prado nela situado, sendo esse pasto que nutre a asa responsável pela ascensão da alma.¹¹

A alma que acompanhar um deus, e tiver contemplado alguma coisa das realidades verdadeiras, fica salvo de sofrer dano até o próximo giro no céu, permanecendo deste modo, sempre que conseguir acompanhar dignamente um deus. Por outro lado, se por algum acidente ou incapacidade de acompanhar o cortejo dos deuses, passam a pesar, perdendo suas asas e voltando a terra.

As encarnações que terão na terra ocorrerão conforme a quantidade de realidades que a alma conseguiu enxergar. As que mais contemplaram serão filósofos e as que menos os tiranos. Dentre estes, é destinado um prêmio ou um castigo conforme a vida que levaram na terra, cabendo a melhor parte àquele que conduziu sua vida justamente. Por outro lado, o que levou uma vida injusta recebe a pior sorte. No final de um milênio, cada alma poderá escolher que tipo de vida prefere para a encarnação seguinte, pois somente após dez mil anos, as asas tornam a nascer. Salvo a alma que escolher por três vezes seguidas, uma vida dedicada à filosofia, ou àquele que amou os jovens conforme a filosofia¹² recebe logo após o terceiro período de mil anos, suas asas de volta. Não é necessário, então, esperar os dez mil anos que a natureza prevê, para reaverem suas asas.

No momento da escolha em qual tipo de vida deve encarnar, é possível escolher entre os homens ou em animais, porém, é importante ressaltar que somente a alma que contemplou alguma Verdade poderá escolher encarnar como homem, pois cabe apenas ao homem

¹¹ PLATÃO, *Fed.*, 248b-c.

¹² Este modo de amar retamente também está presente no *Banquete*, 211b-c. Os degraus aos quais Platão alude nesta referida passagem, representa a ascendência que ocorre por meio da sua dialética que articula as coisas sensíveis e inteligíveis.

compreender conforme as coisas participam das Ideias, uma vez que, a alma contemplara as realidades em outrora.

O regresso das asas advém através da reminiscência das realidades vistas quando a alma seguia o cortejo dos deuses. Há um conhecimento (lembrança) que parte das cópias imperfeitas presentes na terra, ou seja, das coisas sensíveis, recuperando gradativamente a visão do que realmente existe. Deste modo, se faz jus somente a inteligência do amigo da sabedoria ou aquele que ama filosoficamente ser alado. O filósofo utiliza retamente tais memórias e se afasta das coisas que interessam aos humanos, voltando sua atenção para o divino. Assim sendo, passa a ser insultado pelo vulgo que o julga alienado, pois desconhece àquele que está sob inspiração divina. E, é no âmbito da Beleza, que a reminiscência se realiza, onde por meio do *Eros*, o renascimento das asas da alma se torna possível.

Platão apresenta a natureza da alma para demonstrar que a loucura nos é concedida pelos deuses para nosso bem. É através do quarto tipo de loucura, diante da visão da beleza, que é possível recordar do Belo em si. É por meio desta que a alma passa a sentir o crescimento das asas, por consequência, anseia a todo instante elevar voo e por não possuir a força necessária para tal fim, finda não conseguindo. Não alcançando êxito em seu empenho, destina sua atenção constantemente para o alto, sendo acusado de estar sob estado de loucura.

Platão concebe *Eros* como um impulso mediador entre o sensível e o inteligível, unindo-o à sua doutrina da reminiscência. Porém, é muito dificultoso para as almas recordarem das visões contempladas no Hiperurânio. Em relação às visões contempladas na “Planície da verdade”, a ideia de Justiça, de Sabedoria, de Bem, e de todos os outros valores como estes, não encontram esplendor nas imagens da terra. Contudo, a beleza teve a sorte de ser aparente em seu esplendor. Em meio a todas as outras ideias, apenas a beleza teve a ventura de ser a mais evidente e amável, sendo concebida pelo sentido mais clarividente, a visão, “o mais agudo dos sentidos corpóreos”¹³. Dentre todas as formas, coube somente à beleza ser manifesta. É uma manifestação que emana do inteligível no sensível. Assim, quando a

13 PLATÃO, *Fed.*, 250d.

alma vê ao longe alguém que a possua, se enche de inquietações, de alegria e não pode deixar de amá-la.

Platão apresenta através do mito, que somente a partir do amor, principalmente o amor filosófico, é possível reaver as asas perdidas e assim contemplar o Ser em si, visto que a alma do filósofo além de estar voltada para as realidades vistas em outrora, deseja a todo instante contemplá-las novamente. Igualmente buscará compartilhar o mesmo amor com alma do seu amado. A partir deste ponto, é possível perceber a importância do trabalho do filósofo quando acompanha um jovem, ajudando-o na sua aproximação com a verdade, não limitando este a proferir discursos superficiais, a exemplo dos retóricos, nos quais a verdade não é posta em primazia, desejando apenas convencer através da palavra.

Platão, no entanto, apresenta que o amor sozinho não garante em si mesmo o regresso à “Planície da Verdade”, visto que, a presença do cavalo rebelde força a alma para baixo, cujo perigo consiste em que, o desejo físico se torne a única aspiração da alma humana, buscando a todo custo saciar os desejos corpóreos.

Diante da visão daquele que possui a beleza, a alma se arde e estremece, passando a ser irrigada, aquecendo os elementos que cingem o germe que desenvolvem as penas. Deste modo, as partes que antes estavam secas e impediam as penas de germinarem, ganham impulso para crescer novamente, por toda a forma da alma, uma vez que ela, já fora um dia alada.

Quando a alma está distante a visão da beleza, mirra a passagem onde as penas estavam brotando. Seu interior passa a palpitar constantemente, no desejo de estar novamente diante da visão do seu amado. Angustia-se sempre que está longe, no entanto, ao recordar, se alegra diante da reminiscência da beleza. Assim, busca a todo instante àquele que tem posse da beleza, estimando-o mais que a todos em sua volta.

O grande conflito entre os corcéis ocorre neste momento, onde esta visão enche o auriga de receio e admiração, fazendo-o retroceder. Consequentemente puxa as rédeas dos cavalos fortemente, de modo que ambos os cavalos precipitam-se sobre suas ancas,

sendo que o cavalo bom o faz de livre vontade, e o cavalo mau o faz involuntariamente. Enquanto se afastam, o cavalo rebelde reclama constantemente de tal atitude do seu auriga. A todo instante solicita se aproximar do amado, logo que se recupera da dor sofrida pelas rédeas do auriga, avança novamente para frente. No entanto, o cocheiro, sente novamente as sensações anteriores, porém, com mais veemência, e torna a puxar as rédeas empregando mais força ao ponto de ferir o cavalo rebelde. Após diversas tentativas frustradas, o cavalo rebelde, finda obedecendo ao auriga, assim, diante do belo, passa a seguir o seu amado respeitosamente e cheio de temor, cultivando-o como a um deus.

Neste mito, Platão apresenta que cada alma segue um deus. E, cada seguidor procura honrar e imitar o seu deus agindo do mesmo modo com quem ama, e com os outros a sua volta. Destarte, se aquele que segue no cortejo de Zeus embebedar-se de amor, suportará dignamente o encargo da sua plumagem. Todavia, os seguidores de Ares, quando repletos de amores, se julgarem prejudicados de algum modo, tornam-se criminosos, agindo de modo prejudicial tanto a si mesmo como com o seu amado, sem se importar com as consequências.

Entre os possuidores da beleza, cada um escolhe o amado conforme sua índole. Assim, os seguidores de Zeus almejam que a alma daquele a quem seu amor é devoto seja do modelo desse deus, possuidora de aptidões de comando ou filosófica. Se a alma ainda não seguia por esse caminho, passa a se dedicar a tais qualidades, buscando aprender conforme a natureza do deus que lhe é respectivo. Obtendo êxito, a alma passa a partilhar do divino por estar voltada a um deus, tudo isso devido a reminiscência das realidades de outrora que é possibilitada pela visão da beleza presente aqui na terra.

O amante considera que o amado é o responsável por tais benefícios, conseqüentemente sua afeição só aumenta. Do mesmo modo, agem os seguidores dos outros deuses, conforme suas respectivas características, buscando um amado que possua a mesma natureza do seu deus. Conforme Platão:

Empreendem a busca de um rapazinho a ser seu amado cuja natureza se assemelhe à do deus, e quando conquistam seu afeto, imitando eles próprios

o deus e fazendo uso de persuasão e treinamento levam o amado, na medida do possível em cada caso, a adotar os hábitos e maneiras de ser do deus.¹⁴

Este amor filosófico traz grandes benefícios tanto para o amante como para o amado, onde como foi exposto, aquele faz o possível para que este possua as características do deus a quem era seguidor no cortejo antes de despenhar-se na condição terrena, ansiando assemelhar-se ao deus. Dessa forma, Cardoso aponta: “A filosofia, portanto, tem um alcance muito além de si mesma. Faz parte, pois, da essência da filosofia uma sair de si mesma para procurar persuadir outros a seguirem o amor filosófico.”¹⁵

Diante dos cuidados que o amado recebe do seu amante, é natural que aquele se torne amigo deste, passando a aceitar o seu amante em sua companhia. Por consequência, percebe que entre todos de sua convivência, nenhum deles dedica maior amizade do que o seu amante. E com o crescimento desta aproximação, no tocante a beleza, provoca no amado, as mesmas sensações pelas quais o amante passou, onde caberá ao cocheiro o domínio sob os seus corcéis, para que possa reaver suas asas. Assim, Platão aponta:

E tal como o vento ou um eco repercute a partir de superfícies lisas e rígidas e retorna ao seu ponto de origem, o arroio da beleza regressa ao adolescente através dos olhos, que constituem a entrada natural para a alma, onde reanima as passagens das penas [asas], as irriga e faz as penas principiarem seu crescimento, acumulando de amor a alma do amado.¹⁶

Inicialmente o amado não compreende o seu estado, acreditando estar tomado apenas de amizade, ao invés de amor. Passa a desejar ver o seu amante, pelo qual seu sentimento se tornou semelhante, não tardando para que ambos se deleitem em prazeres, enquanto o cocheiro e o companheiro de parilha, tanto do amante, quanto o do amado, repletos de pudor resistem aos favores do enamorado.

O amor filosófico consiste na dominação dos impulsos sensíveis, isto é, é preciso que na alma, o auriga, ao lado do cavalo dócil derrote

14 PLATÃO, *Fed.*, 253b.

15 CARDOSO, Delmar. *A alma como centro do filosofar de Platão*. 2006. p.153.

16 PLATÃO, *Fedro*, 255c-d.

o cavalo rebelde. O cocheiro e o cavalo bom são priorizados no amor filosófico. Deste modo, predominando as melhores partes da alma, onde a virtude passa a dominar tudo o que faz nascer a maldade, a vida é conduzida de modo reto, onde passa a cultivar o amor a sabedoria, ao lado do amado, passando a ter uma vida terrena feliz, e, após seu término, ambos recuperam suas asas, podendo assim, retornar às realidades antes já contempladas.

Se, de modo contrário, adotar um modo de vida mais vulgar, dedicando-se apenas as honras, sem cultivar a filosofia, estando ligada a vida terrena, a qualquer momento, na relação entre amante e amado, os cavalos rebeldes podem conseguir na sua empreitada, ao pegar a alma desprevenida, se entregar aos favores solicitados, embora não seja aprovado pela alma. Estes se tornam amigos entre si, porém, de modo inferior àqueles que dominam a parte irascível da alma e se dedicam a filosofia.

Após o fim da vida terrena, essas almas deixam o corpo desprovidas de asas, no entanto, devido ao amor que ambos cultivavam, o germe de suas asas começarão a se desenvolver, de modo que logo receberão novamente suas asas “serão semelhantes em sua plumagem”¹⁷, onde poderão seguir unidos na eternidade, devido a amizade que cultivaram na vida terrena.

São inegáveis os benefícios que a “amizade de um amante”¹⁸ traz consigo. O amor apresentado no primeiro discurso traz características desonrosas, pelas quais, aqueles que dedicam seus afetos regidos pela conveniência a quem não ama, não recuperará as suas asas, voltando a terra (após os ciclos das encarnações) privada de entendimento. Platão não ignora a condição humana, no qual a presença dos desejos é intrínseca, daí a presença do amor em suas diversas nuances. Conforme Reale:

O Amor dispõe de muitos caminhos que conduzem a vários graus de bem (toda forma de amor é desejo de possuir o bem definitivamente). O verdadeiro amante, porém, é aquele que sabe percorrer esses caminhos até o

17 PLATÃO, *Fed.*, 256d.

18 PLATÃO, *Fed.*, 256e.

fim, até chegar à visão suprema do belo absoluto.¹⁹

É neste âmbito que Foucault aponta a novidade em Platão, uma vez que o comportamento amoroso passa a se submeter à natureza do amor. Na Grécia antiga eram frequentes os questionamentos a respeito da conduta amorosa. Questões como a quem era adequado ceder favores ou quando o amor era honroso eram constantemente suscitadas. Segundo Foucault, no período em questão, as relações amorosas entre o mesmo sexo não eram condenadas. Não era uma questão de censurar o envolvimento amoroso com o próprio sexo ou pelo sexo oposto, mas sim, uma questão de ponderar as relações amorosas. Através da ótica da conduta, diferenciava-se um indivíduo que possuía o domínio de si, das relações daquele que se deixa dominar por seus prazeres, havendo uma transformação do uso dos prazeres, articulando-o com o acesso à Verdade.²⁰ Platão modifica a relação pederástica entre amante e amado, visando uma ascensão da alma através de uma pederastia orientada pela discussão filosófica.

Em sua *paideia*, Platão concebe que o amor necessita ser ensinado. Cabe ao amante, incitado pelo *Eros*, mostrar o caminho que deve ser seguido pelo amado em direção a uma vida reta com domínio de si, rumo à filosofia. Este caminho é ensinado através da palavra que se faz por meio de uma retórica ligada à filosofia. Esta retórica é utilizada para acessar o ouvinte, não se assemelhando à retórica sofista, pois o filósofo não é possuidor da Verdade.

O amor verdadeiro é o anseio pelo Belo, pela Sabedoria, pela Verdade. Esse conhecimento verdadeiro só é atingindo através do intelecto, no qual está presente o desejo, onde tudo aquilo com que se aparenta aspira conhecer. O amante parte da beleza corpórea não apenas para a beleza ideal. Através do amor filosófico é possível que o outro também se torne filósofo, ao desprender-se das coisas terrenas e dos desejos imediatos. Pois, os desejos imediatos tornam os passos incertos, distanciando a verdade. Então, através do amor filosófico é possível conhecer além do âmbito do sensível, dedicando-

19 REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. 2003. p.150.

20 FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade*. 2007. p.201.

se ao inteligível, encontrando a Sabedoria, o Bem, caminhando rumo à Verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Delmar. *A alma como centro do filosofar de Platão: uma leitura concêntrica do Fedro à luz da interpretação de Franco Trabattoni*. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. v.2. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 12.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução: Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução: Artur M. Parreira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MENDES, Luiz. *A natureza da alma no Fedro de Platão*. *Revista do Seminário dos Alunos do PPGLM/UFRJ*: n.2, 2011, p.1-16. Disponível em: <http://seminarioppglm.wordpress.com/revista-do-seminario-dos-alunos-do-ppglm/>. Acesso em: 28 de jul.2013.

PLATÃO. *Diálogos*, v.3: (Socráticos): *Fedro* (ou do Belo); *Eutífron* (ou da religiosidade); *Apologia de Sócrates*; *Críton* (ou do dever); *Fédon* (ou da alma). Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2008.

_____. *Górgias; O Banquete; Fedro*. Tradução: Maria Tereza Schiappa de Azevedo. Lisboa. São Paulo: Verbo, 1973.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1.

A JUSTIFICATIVA DO *DASEIN* COMO FIGURA CENTRAL EM *SER E TEMPO*

GUSTAVO AUGUSTO DA SILVA FERREIRA

Resumo:

Trataremos da questão acerca do *ser* no pensamento do filósofo Martin Heidegger na sua famosa obra: *Ser e Tempo*. *Ser*, debatido e analisado por inúmeros outros pensadores, é um dos principais pilares da filosofia heideggeriana. *Ser* mostra-se na tradição como conceito complexo e ao mesmo tempo usual, comum e cotidiano. *Ser*, segundo Heidegger, deveria significar o ponto central no debate da tradição filosófica, mas sempre permaneceu como conceito obscurecido e velado. Heidegger pretende retomar e esclarecer a questão do *ser*, tendo como ponto de partida a existência humana, o ente privilegiado em seu modo de *ser* e existir, o *Dasein*.

Palavras-chave: Ser, Heidegger, Velado, Ente, Existir.

THE JUSTIFICATION OF *DASEIN* AS THE CENTRAL FIGURE IN BEING AND TIME

Abstract:

We will address the question about being in the thought of the philosopher Martin Heidegger in his famous work: *Being and Time*. *Be* discussed and analyzed by many other thinkers, is one of the main pillars of Heidegger's philosophy. *Being* shows up in tradition as complex concept while usual, ordinary and everyday. *Being*,